

GUERRA JUNQUEIRO E A ESCOLA

Muito embora integrada num país com um acentuado *deficit* de reflexão pedagógica quando aproximado dos seus congéneres europeus, a Geração de 70 foi, no seu comportamento grupal, uma geração de excelência, também na problematização das grandes questões pedagógicas, apoiando-se, é evidente, na parca consciencialização didáctica nacional que remontava, com algum fulgor, ao **Verdadeiro método de estudar** de Luís António Verney (1746) e às **Cartas sobre a educação da mocidade** (1760) de Ribeiro Sanches. Sem esquecer, como é óbvio, peças importantes deste assumir de uma consciência pedagógica nacional moderna bem patentes no livro de Mouzinho da Silveira - **Ideias sobre o estabelecimento da instrução pública** - e no de Almeida Garrett - **Da educação** - duas obras que foram compostas respectivamente em 1823, em Paris, e em 1829, em Londres, dois centros motores das questões de inovação em matéria de Filosofia educativa. Alexandre Herculano dera nesta conjuntura nacional e europeia um precioso contributo com os seus estudos «Instrução Pública» e «Da Escola Politécnica e do Colégio dos Nobres», ambos do ano de 1841. A Geração de 70, na pegada destes pioneiros, ao querer fazer Portugal bater ao ritmo da modernidade europeia nos seus mais diversos níveis e matrizes, não poderia ter omissões, que seriam graves para a sua imagem global, em assuntos de natureza pedagógica, didáctica e escolar. Castilho, espécie de balança entre Portugal velho e o Portugal moderno, ao que tudo leva a crer influenciado pelo ideário de Froebel, compõe **A Felicidade pela Agricultura** (1849) e cria o seu método de ensino/aprendizagem, de carácter predominante lúdico, que tentou implantar em Portugal e no Brasil, mas que nunca chegou a gozar de grande aceitação.

Mas o momento culminante da reflexão pedagógico-didáctica, teórica e prática, será atingido apenas com o aparecimento da **Cartilha Maternal**, de João de Deus, publicada em folhetins pelo jornal **A Tribuna**, em 1874-1875.

Estava-se já nessa data no rescaldo ainda muito espevitado das *Conferências Democráticas do Casino*, sinal eufórico de toque a

rebate no sentido de congregar a inteligência portuguesa para um projecto de modernização cultural do Reino, a nível político, ideológico social e literário.

Questionava-se essa «Geração de acutiladiços» sobre os modelos culturais europeus a adoptar que ajudassem a ultrapassar e a neutralizar as causas da decadência dos povos peninsulares, nos termos em que os explicitou o seu *spiritus rector*, Antero de Quental.

Não os encontrando nas potencialidades intrínsecas da envergonhada alma nacional, aderiram, cega ou criticamente conforme o caso, aos modelos culturais mais desenvolvidos, o francês e o alemão, a par de muitas e persistentes recusas que animam e atravessam todo um processo cultural em curso, com sístoles e diástoles de crescimento acelerado e nervoso, que implicavam ou poderiam implicar uma desvirtualização e uma descaracterização da originalidade e da idiosincrasia portuguesa. João de Deus, conquanto atento e aberto ao sopro do espírito europeu, soube manter no contexto geracional que o mitificara e endeusara um casticismo e uma autonomia de pensamento de estirpe nacional e será no seu verbo lírico divino e na **Cartilha Maternal**, muito mais que nos seus mordazes epigramas, que se vai inspirar em toda a geração de 70, com os seus prógonos e epígonos. Convirá lembrar que o rastilho mais próximo que provocou o encerramento das *Conferências Democráticas do Casino* foi a conferência de Adolfo Coelho, jovem de 24 anos, intitulada *A Questão do Ensino*, a qual, mais do que outras de índole estritamente literária, mexia com os valores estabelecidos.

De rememorar ainda que a **Revista de Educação e Ensino**, surgida em 1886, para tratar questões de escolarização e aprendizagem, é uma prova evidente de que os assuntos pedagógicos e didácticos estavam na primeira linha das preocupações culturais e políticas desse período e dessa Geração.

É neste contexto geracional que intervém, com ardor de transmontano, o vate Guerra Junqueiro, membro de eleição dessa famosa e fogosa geração, misto híbrido de Voltaire e de Victor Hugo, satírico verrinoso e lírico enternecido, profeta e jacobino, deísta emocionado e anticlerical façanhudo, místico embebecido e racionalista ferrenho, conforme os tempos, a idade e os ritmos vivenciais da sua longa existência que se prolongou em média mais cerca de 20 anos

que a maior parte dos restantes membros da sua geração, que só teve um émulo - o amarantino António Cândido - , e lhe permitiu viver a hecatombe da Primeira Guerra Mundial. No alargado leque da sua intervenção poética, cultural, social e política, seria impensável que Junqueiro não se tivesse debruçado sobre questões de pedagogia. Conhecedor das ideias e dos métodos do suíço Pestalozzi sobre a educação elementar baseado na tríade cabeça coração e mão (perfeitamente revolucionário para a mentalidade da época!) e nas formulações teóricas do mesmo ideal rousseauista trabalhadas pelo seu discípulo Froebel, célebre pedagogo alemão, Guerra Junqueiro, informado sobre a política educacional dos países mais desenvolvidos da Europa, foi inclemente com o estado da educação da infância do seu país. O seu verbo demolidor vocifera num poema intitulado «A Escola», que foi publicado por Joaquim de Araújo, um satélite dessa geração, que haveria de converter-se no seu maior incentivador literário em Portugal e no seu divulgador crítico em toda a Europa. Foi esse poema integrado numa árdua campanha que este poeta desenvolveu no semanário **O Penafidense** em favor da **Cartilha Maternal** do seu amigo idolatrado João de Deus. Traz a data de 3 de Setembro de 1878. Aquele crítico e bibliógrafo entendia ser imprescindível na fermentação das novas metodologias e didáticas infantis que o verso altissonante e arrasador de Junqueiro se insurgisse na sua máxima crispação contra o modelo tradicional de ensino infantil, apelando para uma escola nova que servisse as gerações vindouras com novas metodologias de educação e escolarização, que excluíssem toda a violência institucionalizada, incarnada na Santa Luzia de cinco olhos, terrífica e inibidora, e, uma que por outra vez, milagrosa e eficaz nas tarefas ingentes da alfabetização. A proposta de João de Deus e de Joaquim de Araújo apontava para uma escola de contornos lúdicos e libertários para a criança. Guerra Junqueiro lia também pela mesma cartilha e escreveu esse poema-diatribe contra aquela instituição elementar, enfadonha, violenta, acrítica e bestializante. Não podemos, porque não devemos, resistir a transcrever na íntegra essa composição, por sinal, poeticamente, das mais mediócras saídas do seu estro, em momento mais chocho de inspiração:

A ESCOLA

*Eis as crianças vermelhas
Na sua hedionda prisão;
Doirado enxame de abelhas!
O mestre-escola é o zângão.*

*Em duros bancos de pinho
Senta-se a turba sonora,
Dos corpos feitos de arminho
Das almas feitas d'aurora*

*Soletram versos e prosas
Horríveis; contudo, ao lê-las,
Daquelas bocas de rosas
Saem murmúrios de estrelas.*

*Contemplam de quando em quando,
E com que inveja, senhor!
As andorinhas passando
Do azul no livre esplendor*

*Oh, que existência dourada
Lá de cima, no azul, na glória,
Sem cartilha, sem tabuada,
Sem mestre e sem palmatória!*

*E como os dias são longos
Nestas prisões sepulcrais!
Abrem a boca os ditongos,
E as cifras tristes dão ais.*

*Desgraçadas toutinegras,
Que insuportáveis martírios!
João Félix com as unhas negras,
Mostrando as vogais aos lírios!*

Como querem que despontem
Os frutos na escola aldeã,
Se o nome do mestre é - Ontem
E o do discípulo - Amanhã!

Como é que há-de na campina
Surgir o trigal maduro,
Se é o Passado que ensina
O **b a bá** ao Futuro!

Entregar a um tarimbeiro
Um espirito infantil!
Fazer o calvo Janeiro
Preceptor do loiro Abril!

Barbaridade irisória,
Estúpido despotismo!
Meter uma palmatória
Nas mãos dum anacronismo!

A palmatória, o açoite,
A estupidez decretada:
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!

Gravai na vossa lembrança
E meditai com horror,
Que o homem sai da criança,
Como o fruto sai da flor.

Da pequenina semente
Que a escola régia destrói
Pode fazer-se igualmente
Ou o assassino ou o herói.

Desta escola a uma prisão
Vai um caminho agoureiro:
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celeiro.

*Deixem ver o sol dourado
À infância, eis o que eu vos peço,
Esta escola é um atentado,
Um roubo feito ao progresso.*

*Vamos, arrancai a infância
Da lama deste paúl;
Rasgai no muro ignorância
Trezentas portas de azul!*

*O professor asinino
Segundo entre nós ele é,
Dum anjo extrai um cretino,
Dum cretino um chimpanzé.*

*Empunhando as rijas férulas
Vós esmagais e partis
As crianças – essas pérolas -
Na escola – esse almofariz.*

*Isto escolas!... que indecência!
Escolas, esta farsada!
São açougues de inocência,
São talhos d'anjos, mais nada.*

É um poema-manifesto, de grande *élan* combativo, que a redacção introduz em destaque no *rez-de-chàussée* da primeira página a que se dava o nome de "folhetim". O nosso estudo **Correspondência inédita entre João de Deus e Joaquim de Araújo** (Penafiel, 1984) historia e analisa em pormenor a campanha pró Cartilha Maternal naquele semanário. No numero 95 do mesmo ano de 1878, exarava Joaquim de Araújo o seguinte juízo que a história haveria de não confirmar: "O problema da instrução popular está resolvido. Quando o método do sr. João de Deus for aplicado lá fora, o seu nome universalmente aplaudido, há-de ser colocado ao lado

de todos os grandes descobridores, de Newton, de Fulton, de Colombo e tantos outros que a história santificou e cujas descobertas não são com certeza de maior alcance.” Surgiu mesmo nesta campanha pró-Cartilha um opositor ao método de João de Deus, autor de uma Cartilha Infantil, que o desafiava para um certame sobre a eficácia dos seus respectivos métodos, convicto de que o seu, aliás combinatória pouco original do de Castilho com o do pedagogo de São Bartolomeu de Messines, era pedagogicamente o mais rentável, publicitando a sua disponibilidade para um frente-a-frente que dirimisse comparativamente a questão. Tratava-se de Felizardo Lima, mestre-escola de Vila Meã, cuja intervenção jornalística de desafio provocatório enervou seriamente o seráfico João de Deus, que não só não respondeu ao repto didático do seu concorrente, como ainda transpôs inabilmente esse problema de natureza pedagógica para um plano político, duvidando se o seu rival no método era republicano ou socialista. Interveio a seu favor um seu aluno dissidente, Miguel da Mota Cirne, que torceu pelo poeta, acusando o mestre-escola Felizardo de ser mau pedagogo, porque, afinal, era comunista...

Mas voltemos ao poema contundente e amargo de Guerra Junqueiro que deu o lamiré a toda esta orquestração pró-Cartilha. A sua metaforização excessiva e o seu negativismo absoluto em relação ao modelo da escola tradicional portuguesa conservadora e rotineira, já ultrapassada na época pelo novos figurinos escolares resultantes da difusão do rousseauismo que os Romantismos europeus divulgaram e exacerbaram, é arrasadora, fazendo o trabalho de sapa que convinha na circunstância daquela longa e apaixonada campanha promocional. Esqueçamos a sua investida caricatural e carnavalesca, para nos fixarmos tão somente em dois versos apodícticos que nos merecem especial reparo pelo desenvolvimeto que a psicanálise dará ao estudo da criança: “Que o homem sai da criança, / Como o fruto sai da flor.”. Segismundo Freud não disse melhor... Parece também indispensável frisar que Guerra Junqueiro não se ficou por esta polémica envinagrada contra a Escola sem matizar e distinguir entre agentes de ensino equilibrados na transmissão do saber às crianças e algumas das suas depravações patológicas de sadismo escolar. Como outros membros da sua geração, também Junqueiro quis dar um contributo positivo para a educação elementar, tendo coligido **Contos para a Infância**, em 1877 (Lisboa, Tipografia Universal), em

que revela uma fina sensibilidade selectiva no gosto pela narrativa literária e moral, de grande enlevo rítmico e simplicidade de cenários, muito próxima da natureza, factor determinante nas novas teorias de educação infantil. Além de que escreveu ainda uma **Tragédia Infantil** (Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 2ª ed., 1913), que é uma narrativa em verso com 7 quadros, em que são actantes ELA (a Bebé), Mimi, (a sua boneca), que “É em toda a natureza / Aquilo que ela mais ama;/ Jantam sempre à mesma mesa / E dormem na mesma cama.” e ELE, seu irmão, que, com três anos apenas, é um terror de destruição, verdadeiro “Átila dos grilos / Nemrod das borboletas.”, que, um dia “Fica levado da breca, / E a pontapés homicidas / Racha a cabeça à boneca.”. Trata-se de uma dramatização desenvolvida com muita finura poética e ternura de sentimentos que revelam a genuína alma junqueira que, se noutros textos explode em girândolas de ira, é na interioridade mística de **Os Simples**, da **Oração ao Pão** e da **Oração à Luz** que ela roça pelo Sublime. Com todas estas achegas para a problematização da renovação da educação e da pedagogia infantil, Junqueiro antecipou-se a Antero de Quental que coligiu e ordenou em 1883 um **Tesouro Poético da Infância** (Porto, Ernesto Chardron), com uma preciosa ‘Advertência’, em que explana superiormente o destino e os destinatários desta antologia. Antero, como Junqueiro, estava convicto de que há nas crianças tendências poéticas inatas e uma necessidade de candura e ideal. Destinatário primeiro da sua selecta na grelha anterior eram as mães, pedagogas de regaço, e as escolas das primeiras letras. Nem uma referência sequer aos mestres-escola que teriam de lidar com esses textos. Nenhum desabafo de censura a métodos e processos. A visão de Antero inspira-se confessadamente em Froebel e João de Deus, sustentando que o ensino elementar tem de ser maternal. Inverte por isso e para isso, de maneira ostensiva e declarada, os critérios habituais de selecção textual, abandonando corajosamente todos os excertos clássicos e neo-clássicos e aconselhando uma nova atitude pedagógica: «antes as crianças leiam com inteligência e com gosto historietas e cantigas, do que, forçadas e sem compreensão, os graves casos de D. João de Castro ou dos Lusíadas. É preciso que a cada período e a cada desenvolvimento do espírito se dê o alimento que lhe convém. A infância só compreende e só ama o que é infantil.» (pp. VI-VII). Com base nesta postura

pedagógico-didáctica, Antero elimina de um só golpe os textos poéticos dos séculos XVI, XVII e XVIII, porque não se moldavam ao novo escopo pedagógico, dado que os seus temas e assuntos eram quase sempre nobres e heróicos, redigidos em estilo grave, apresentando-se deste modo como uma espécie de antítese do autêntico espírito infantil. Um manancial muito aproveitado por Antero foi a poesia popular, porque, segundo ele, «O povo é uma grande criança colectiva, é o eterno infante.» (p. IX). Na sua óptica, os termos *popular* e *infantil* quase se recobrem. Antero, que foi a consciência cultural e pedagógica mais lúcida da sua Geração, percorreu também os poetas lusos dos últimos 60 anos, lamentando não poder alargar a sua selecção às literaturas infantis da Inglaterra e da Alemanha, no seu entender, as duas mais ricas do mundo, comentado: «nós somos pobres, mas ainda assim remediados.». Guerra Junqueiro está representado nesse «Tesouro» com um texto intitulado «A Primavera», cuja primeira estrofe reza assim: «*Namorou-se uma princesa / D'um pagem loiro e gentil; / Chama-se ela – Natureza, / Chama-se o pagem – Abril.*» (p. 151). Antero preconizava que esses textos proporcionassem belos quadros que fomentassem a intuição e a imaginação na busca teleológica do Bem e do Belo, combatendo racionalismos moralizantes excessivos e memorizações inúteis e desenquadradas das experiências infantis vivenciadas.

Por caminho idêntico enveredou Joaquim de Araújo quando, muitos anos depois da referida campanha pró-**Cartilha**, em 1891, pretendeu intervir directamente na educação ministrada nas escolas primárias, publicando a sua antologia **Primeiras Leituras** (Porto, Chardron), seguindo na pegada de João de Deus e de Antero. Esse florilégio mereceu referências críticas muito elogiosas dos «pedagogistas» da época, que sublinharam que Araújo soube romper com a rotina pedagógica oficial, fazendo colaborar no seu livro, dedicado às crianças, toda a *alma nova* de Portugal. (**O Século**, 12/1/1891).

Desta inegável preocupação geracional pelo mundo da infância e da literatura infantil e da Escola testemunhou Guerra Junqueiro, antecipando-se mesmo aos seus correligionários no tempo com a escrita destruidora do poema «A Escola», com a maviosa antologia dos **Contos**, e com os seus numerosos poemas de ternura infantil e campestre, numa grande e harmoniosa orquestração com os

primeiros d'«Os Simples», que são as crianças. O poeta de Freixo-de-Espada-à-Cinta compreendeu e fez compreender que investir no mundo infantil, mediante uma pedagogia lúdica e libertária que irmane a criança com a natureza, em que o desabrochar do estado da razão não choque com o estado de graça nem esterilize o seu instinto livre e criador, é prosseguir na busca da *(in)genuidade* poética da *modernidade* para fazer esquecer definitivamente a criança-homúnculo que vê a escola não como um jardim, mas como uma cadeia.

A. Ferreira de Brito
Universidade do Porto